

02-03-2020

Fevereiro Roxo

Bruno Chapadeiro

[Pós doutorando em Saúde Coletiva
Escola Paulista de Medicina - UNIFESP]

Fevereiro é um mês curto e acelerado. Mudou o mês, mas ainda é tempo de falar do **FEVEREIRO ROXO**. A campanha do **FEVEREIRO ROXO** enfatiza as doenças incuráveis como o lúpus e a fibromialgia, mas dá destaque principalmente ao Mal de Alzheimer. Uma forma mais comum de demência comumente relacionada ao envelhecimento, que foi descrita pela primeira vez em 1906 pelo psiquiatra e neuropatologista alemão Alois Alzheimer. Trata-se de um transtorno neurodegenerativo progressivo e fatal em que a pessoa apresenta perda da cognição e da memória. É a forma mais comum de demência neurodegenerativa em pessoas de idade, sendo responsável por mais da metade dos casos de demência nessa população. No mundo, a OMS [Organização Mundial da Saúde] estima que haja 47 milhões de pessoas sofrendo desse tipo de demência.

Sua causa ainda é desconhecida mas acredita-se que seja geneticamente determinada. Contudo, o MS [Ministério da Saúde] considera que pessoas com maior nível de escolaridade, que executam atividades intelectuais mais complexas com maior quantidade de estímulos cerebrais, podem retardar ou mesmo inibir a manifestação da doença. Temos aí, um importante determinante social que merece ser visto com mais atenção. Wajnman, Oliveira e Oliveira (2004) dizem que justamente são o/a(s) trabalhadores/as de maior nível de escolaridade que encontram a maior probabilidade de se manterem ocupados e ativos nas idades avançadas. No sentido oposto, Antonova, Bucher-Koenen e Mazzonna (2017), ao compararem 11 países europeus, evidenciam que pessoas com baixos níveis de educação são severamente atingidos por crises econômicas durante seus anos de trabalho em idade ativa e são consideravelmente menos saudáveis em relação a doenças crônicas, em comparação àqueles de maior escolaridade. Numa revisão integrativa de 28 pesquisas nacionais e internacionais, Ribeiro (2019) aponta que os fatores *gênero*, *escolarização* e *geolocalidade* influenciam diretamente o (re)posicionamento laboral de idosos e, com isso, o prolongamento de uma vida ativa. Os mesmos Antonova, Bucher-Koenen e Mazzonna (2017) assinalam: *“graves choques econômicos [geolocalidade] aumentam fortemente o risco de se aposentar cedo para homens [gênero] com baixa escolaridade (35%) [escolarização]. Por outro lado, essas crises não parecem afetar o risco das mulheres [gênero] se aposentarem”* (p. 141). Ora, sabe-se a condição laboral das mulheres, principalmente nos países de capitalismo periférico, ou seja, naqueles que “sentem mais as crises financeiras”, é extenuante, onde, 48% já são responsáveis pela renda familiar da casa, têm remuneração, em média, 76% da masculina (mulheres negras recebem ainda menos: 43% dos salários dos homens brancos), fazendo dupla jornada, sendo 18,5 horas semanais de afazeres domésticos (11h para os homens) e, mesmo tendo 12 ou mais anos de estudo, ainda ganham 68% da renda de homens em igual condição (IBGE; IPEA, 2019).

Logo, num país em crise econômico-social, em que se alijam as políticas de proteção social, apelando-se para medidas de austeridade que ampliam a pauperização e a miséria social, é de se observar que os trabalhos precários, como muitos o são, realizados por mulheres, tornam-se ainda mais precarizados.

Mesmo que as estatísticas mostrem que estas têm maior expectativa de vida em relação aos homens, seu processo de envelhecimento não é de qualidade, vide as insuficientes aposentadorias e consequente prolongamento da idade laboral. Além do dado de que os Transtornos Mentais e do Compartimento (TMCs) acometem 13,4% das trabalhadoras brasileiras, fazendo-se presente 2X mais nas mulheres com menor nível socioeconômico e de baixa escolaridade como apontam Lima, Senicato e Barros (2017). A renda pessoal aumenta a autonomia financeira da mulher e contribui também com a renda familiar, sendo significativamente favorável à felicidade conjugal e ao bem-estar, segundo um estudo longitudinal realizado por Rogers e De Boer (2001). Thomas, Benzeval e Stansfeld (2007) explicitam que é justamente o fator renda, o principal mediador entre inserção no mercado de trabalho e a saúde mental feminina. De acordo com Munro *et. al.* (2019), há aumento de produção do cortisol - o chamado “hormônio do estresse” - em mulheres, principalmente na faixa etária dos 60 e 70 anos, e os fatores estão justamente relacionados a uma vida estressante (como traumas em relacionamentos, casos de violência ou acumulação de funções ao longo da vida), podendo estes serem determinantes na prevalência de Alzheimer em mulheres.

Toda essa elucubração para pensarmos. Se o Alzheimer pode ocorrer devido ao declínio cognitivo ocasionado por menores níveis de escolarização, acentuado pela baixa renda, em cenários de crise econômica, principalmente em países subdesenvolvidos e consequente precarização do trabalho, em que as trabalhadoras são as mais afetadas, o que pensar?

Ora, se são as trabalhadoras que têm o estresse ampliado, por tudo o que foi exposto, com o aumento de cortisol na 3ª idade, ser mulher de idade avançada, baixa escolaridade e que experienciou crises econômico-sociais em seu país e condições precarizadas de trabalho (e incessantes buscas de inserção) durante sua vida ativa-laboral, deve ser levada em conta, com esses fatores, nas pesquisas sobre Alzheimer. Penso que acabamos de lançar um novo olhar epidemiológico sobre a “doença do alemão”. ■ ■ ■

Referências Bibliográficas

- Antonova, L; Bucher-Koenen, T; Mazzonna, F. Long-term health consequences of recessions during working years. *Social Science & Medicine*, 2017, 187, 134-143.
- Brasil. Ministério da Saúde. Saúde de A a Z. *Alzheimer*. Disponível em: <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/alzheimer>>. Acesso em 7 fev 2020.
- Lima, MG; Senicato, C; Barros MBA. Saúde e bem-estar de mulheres trabalhadoras: diferenciais por nível de escolaridade. In: Iguti, AM; Monteiro, I. *Saúde e trabalho de mulheres: gênero como determinante de desigualdades sociais*. Campinas: Unicamp/BFCM, 2017, p. 13-27.
- Munro, CA et al. Stressful life events and cognitive decline: Sex differences in the Baltimore Epidemiologic Catchment Area Follow-Up Study. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 2019, 34(7), 1008-1017.
- Ribeiro, ACS. Prolongamento da vida ativa ou reinserção no mercado de trabalho. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Psicologia. Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2019.
- Thomas C; Benzeval M; Stansfeld S. Psychological distress after employment transitions: the role of subjective financial position as a mediator. *J Epidemiol Community Health*, 2007;61:48-52.
- Rogers SJ; De Boer DD. Changes in wives' income: effects on marital happiness, psychological well-being, and the risk of divorce. *J Marriage Fam* 2001;63(2):458-72.
- Wajnman, S; Oliveira, AMHC; Oliveira, EL. Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências. In A. A. Camarano (Org.). *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 461-479.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.